

# **Educação para a Mídia: Diálogos a partir de um Porto Novo**

CLAUDIA REGINA DA SILVA

Sou jornalista, professora do ensino fundamental, mestra em Educação e arteterapeuta, nomeada para a rede municipal de ensino de Porto Alegre há dezenove anos. Desde o início de minha formação tento abordar a mídia na escola e busco apoio e formação para tal. Exerço possibilidades dialógicas com perseverança. Sonho ver algum dia no cotidiano das escolas uma abordagem que permita a apropriação das mídias para gerar sentidos novos, que promova a leitura crítica da informação circulante e o exercício da autoria. Seria algo como define Pretto: Professores e estudantes, numa negociação permanente de linguagens e culturas, vão, assim, produzindo mais conhecimentos e mais culturas, relacionando o saber produzido naquele espaço específico com o que fora produzido historicamente. Desse modo, de mera consumidora de informações, a juventude passa à condição de intensa produtora de culturas e conhecimentos (2013, p.183). A formação de professores ainda está longe de corresponder às necessidades concretas de atendimento na escola pública, com todo o contexto de vulnerabilidade social e dificuldades de toda ordem. Estamos distantes de ver esta concepção tornar-se o centro da discussão na abordagem curricular, ou pelo menos de superar de vez a transmissão e mero consumo de informações, promovendo o diálogo e a produção de conhecimento valendo-nos da alfabetização midiática.

Em Porto Alegre, em termos de políticas públicas para a rede municipal nos últimos quinze anos destacam-se o Programa de Informática Educativa, que acolheu uma proposta de Educação para Mídia, na forma de oficinas de Leitura Crítica da Mídia para professores, no ano de 2001. Depois houve o Programa Gutemberg, que estimulava a produção de jornais escolares e a Informática Educativa deu lugar ao setor de Inclusão Digital, que abriga desde 2008 o Programa Além da Rede (estimula a produção em rádio digital e blogs atendendo de forma direta escolas que aderem à proposta). No mesmo ano a Prefeitura e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul deram início ao Programa de Alfabetização Audiovisual, que passou a atuar junto aos estudantes da rede pública de ensino e seus professores, tendo como objetivo a construção de um conjunto de ações que combinem o acesso, a reflexão e a produção audiovisual no âmbito educacional. Com apoio da Inclusão Digital e do Além da Rede, em formação constante com o Programa de Alfabetização Audiovisual, tenho concretizado algumas ações significativas para estabelecer uma experiência de Educação para a Mídia, nos dois últimos anos. A presença da universidade como parceira (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação) confere amplitude ao projeto desenvolvido na escola, permitindo a avaliação das ações e dos resultados com pesquisadores da área de Comunicação Social, que qualificam a abordagem realizada. Minha contribuição ao debate que trata das propostas curriculares a partir da ótica da educação midiática e informacional é o relato dessa prática, que se constrói numa realidade pobre em muitos aspectos, com pouco acesso tecnológico, onde tateamos para explorar a linguagem, lendo e produzindo textos em formatos diversos com o estímulo à ampliação de repertório e à autoria dos alunos.

O cenário no qual se desenvolve o projeto é lugar onde pessoas e instituições estão inaugurando um espaço de convivência. As famílias que vieram morar no entorno da escola em moradias construídas para abrigá-las vêm da Vila Dique, onde pela necessidade de ampliação da pista do aeroporto da cidade não podiam mais permanecer. Receberam moradia, atendimento de serviços básicos através da instalação de um Posto de Saúde, da Escola, uma escola infantil e a construção de uma Unidade de Reciclagem, administrada por uma cooperativa de moradores. O novo bairro chamado de Porto Novo (embora moradores e mesmo a imprensa o tratem como Nova Dique) nasceu próximo a área onde ficam os galpões das escolas de samba e a pista de eventos do carnaval de Porto Alegre, o Sambódromo e também vizinho às empresas de transporte instaladas no Porto Seco. A adaptação das famílias na nova área de moradia exige a convivência com uma situação de expressiva violência, com mortes, tiroteios diários e períodos em que o toque de recolher exige ruas desertas. Uma das razões está nas disputas pelo controle do tráfico de drogas que mobiliza

as comunidades vizinhas e quer garantir que novos pontos não se estabeleçam com a chegada de concorrentes. Essa situação faz com que crianças e adolescentes tenham espaços de convivência e ludicidade restritos ao tempo da escola ou ao interior de suas casas, para fugir da vulnerabilidade das ruas.

A escola Porto Novo foi inaugurada em março de 2015 e durante o primeiro ano letivo atendeu alunos da Educação Infantil ao final do terceiro ciclo em tempo integral, cumprindo horário diário de 9 horas. No evento de inauguração, uma parceria com a Pixel Sete (escola de fotografia e filmagem) garantiu registro fotográfico no formato de retratos, que foram impressos e expostos por ocasião do primeiro sábado letivo, quando as famílias vieram conhecer o local. Essa galeria tornou-se permanente e foi a primeira ação do Projeto *OLHARES DE UM PORTO NOVO - Experimentando mídias na perspectiva da Carta da Terra: leitura crítica e produção de conteúdo*, com carga horária total de 240 horas. O projeto político pedagógico da escola está centrado nos princípios da Carta da Terra e a forma de abordá-lo no primeiro ano foi por projetos de caráter transdisciplinar, onde se inseriam as ações de educação para a mídia. Tais ações trabalharam com a sintaxe da mídia impressa e audiovisual, educação e sensibilização do olhar e capacitação para o uso de mídias diversas. Contamos com algumas parcerias, das quais se destacam da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) o Projeto Memórias da Vila Dique (Faculdade de Educação) e o Núcleo de Comunicação Comunitária da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, com acompanhamento da jornalista e pesquisadora Débora Gallas.

Os encontros ocorriam na Biblioteca da escola. Nas turmas de primeiro ciclo, as atividades aconteceram no período da hora do conto, trabalhando com imagens em sequência lógica, leitura e produção de histórias, roteiro quadro a quadro (TV caixa de manivela e *flip board*) e audição de histórias gravadas. No segundo ciclo realizamos gravação de diálogos, criação de trilhas para sequências montadas, recepção de vídeos de ficção e documentários (questões ambientais; Carta da Terra). Diversas exposições foram instaladas na Biblioteca da escola ao longo do ano, com destaque para: Olhares sobre Porto Alegre, do fotógrafo Edison Gastaldo, Memórias da Vila Dique (Projeto UFRGS) e parte do acervo da artista plástica mineira Patrícia Krug, que realizou atividade de criação em pintura com turma do segundo ciclo. No segundo semestre fotografamos cenas e adaptamos o texto para criar um livro contando a história Maria Borracheira, da escritora Rosana Rios, que esteve na escola e recebeu a versão editada de presente. Nos anos finais as ações do projeto aconteceram nos horários de Complemento Pedagógico Integrativo: recepção de vídeos, filmes e peças em áudio de gêneros diversos, exploração de planos e apropriação de sintaxe visual,

criação e produção de cenários, sequência de cenas, *storyboard*, edição de entrevistas e notas. Mídia impressa: fotografia, cartazes e jornal.

Ao menos uma turma de cada ciclo assistiu à programação do Festival Escolar de Cinema realizado pela UFRGS e Prefeitura de Porto Alegre, no primeiro semestre de 2015. No período da Feira do Livro da cidade realizamos com grupo do terceiro ciclo uma visita ao Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, onde contamos com a equipe do Projeto Educativo, que fez um roteiro especial numa segunda-feira, dia em que o Museu está fechado para o público. Como a escola adquiriu gravador digital no início do ano, entrevistas e falas importantes constituem uma memória do projeto em áudio. É o caso do Museu, dos escritores, orquestras, artistas e outras visitas que estiveram na escola a convite do Projeto Cultural, que se desenvolve de forma integrada com a produção de conteúdo. Não contávamos ainda com computadores disponíveis na escola, ainda assim montamos a pauta e os alunos do segundo e terceiro ciclos em horário de complemento pedagógico redigiram manualmente os textos do primeiro jornal da escola, que foi chamado de PORTINHO. Editei durante o verão e no retorno das aulas ele foi impresso na gráfica da UFRGS, concretizando a circulação de uma mídia com autoria dos alunos, mesmo que ainda não tenha sido totalmente produzida por eles.

A primeira edição do PORTINHO fala da inauguração da escola e faz um panorama das ações culturais que aconteceram no ano de 2015. Houve liberdade na negociação da pauta e as sugestões foram feitas por eles, sem interferência. A única matéria que foge ao tema dos eventos chamou atenção e comoveu bastante a comunidade escolar, trata da morte de um aluno de quinze anos, que foi alvejado numa tarde de sábado quando saía de um jogo de futebol. Tratar do assunto exigiu lidar com a tristeza dos adolescentes e também trouxe a oportunidade de refletir sobre a execução de jovens em todas as periferias das grandes cidades brasileiras. Ao visitar com alguns alunos o posto de saúde e a unidade de reciclagem para levar o jornal, encontramos a família que sofreu essa perda e o jornal foi recebido como um reconhecimento, uma forma de não deixar calada a dor. Uma trabalhadora na unidade de reciclagem disse que era analfabeta, não saberia ler o que estava escrito, mas ia guardar a foto do menino.

Em 2016 o atendimento da escola foi alterado. Tempo integral apenas para o primeiro ciclo. Para alunos do segundo e terceiro, 50 vagas em oficinas no turno inverso. Nessa nova realidade, o projeto se reformula e se mantém com a aprovação da Coordenação de Educação Integral da secretaria Municipal de Educação, com o nome de *Educação para a Mídia* (embora seja chamado pela equipe pedagógica de Alfabetização Audiovi-

sual, possivelmente em função do vínculo com o programa existente na Prefeitura). Com a mudança, solicitei e recebemos uma sala e foram constituídas duas tardes de trabalho com a rede B (turma de segundo ciclo, com alunos de 4º e 5º anos) e rede C (alunos do 6º, 7º e 8º anos). Tínhamos um espaço para trabalhar com as mídias, porém ele não estava equipado e não há verbas. No ano passado a escola adquiriu um gravador de áudio e um tripé. Uma doação do Banco Social de Computadores, da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) nos beneficiou com oito computadores, que aguardam revisão e configuração para serem utilizados. Decidi trabalhar com aquilo que as pessoas costumam descartar.

Levei um equipamento com vinil e fita cassete e comecei a arrecadar discos de vinil. Logo a escola recebeu a doação de uma televisão (antiga, de tubo), resgatei um aparelho de vídeo V-HS e divulguei que estava aceitando doação de fitas. Depois veio um aparelho de DVD com caixas de som potentes e, ligando os cabos, assistimos V-HS com imagem e som de qualidade. Esse ambiente causa grande curiosidade nos alunos e leva naturalmente à exploração da evolução dos receptores e dispositivos. Gravamos vinhetas usando o gravador digital e colocando trilha para a voz no disco de vinil. Sem termos ainda acesso a recursos de edição, vamos explorando possibilidades. A segunda edição do jornal está em produção e ao menos terá os textos digitados nos computadores do laboratório de informática da escola. Para registros de imagem usamos celulares ou levo minha câmera pessoal ou tablet. Recebemos duas doações de câmera de vídeo: uma no formato VHS, que não funciona, outra MINI DV, que utiliza fitas para registro e não temos como converter na escola. Estamos no aguardo da Equipe de Inclusão Digital, da SMED, que se comprometeu com a adequação dos computadores que nos foram doados, para que se tornem editores de texto, áudio e vídeo, adequando assim tecnicamente a sala para o trabalho com as mídias. Além dos computadores, vamos precisar da capacitação para o uso das ferramentas em software livre.

As saídas pedagógicas no primeiro semestre foram momentos de entusiasmo e intensa aprendizagem, oportunidades para que crianças e adolescentes pudessem dialogar com adultos que são responsáveis pela produção de mídia circulante, ou que estudam e pesquisam o assunto. Passamos uma manhã na Televisão Educativa do Rio Grande do Sul (TVE), visitando estúdios, redação, pós-produção, produção do Programa Infantil Pandorga e rádio FM Cultura. Encontramos técnicos, jornalistas e pessoa do marketing muito dispostos a responder todas as perguntas e espantados pelo conhecimento prévio dos estudantes. Em outra ocasião visitamos a parceira de projeto, faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, onde fomos recebidos para uma conversa com a professora Ilza Girardi,

que coordena as ações do Núcleo de Comunicação Comunitária e visitamos os estúdios de rádio e televisão. Mais uma vez houve interação e aprendizado. Os alunos de todos os ciclos nesse ano também estiveram no Festival Escolar de Cinema realizado pelo Programa de Alfabetização Audiovisual e os alunos da rede B foram ao Festival Varilux de Cinema. Outra saída interessante foi a visita ao Museu Iberê Camargo, onde o pessoal do Programa Educativo explorou muito bem a fruição das obras de arte contribuindo para a proposta de educar o olhar.

A produção da segunda edição do jornal PORTINHO teve na escolha da pauta mais uma vez conteúdo das experiências proporcionadas pelo Projeto Cultural da escola (palestras e oficinas do mês da Leitura, Dia do Agito, Orquestra Villa-Lobos) e as saídas pedagógicas. O trabalho segue com a abordagem da evolução dos recursos tecnológicos e dispositivos midiáticos e roteiro e realização de *stop motion*. Por solicitação dos alunos, faremos outro livro fotografando cenas de um conto da escritora Susana Ventura.

No primeiro ano, o projeto na Escola Porto Novo foi uma intervenção transversal, atendendo a todos os níveis. Em 2016 tem o limite de dez horas semanais e deixou de atender o primeiro ciclo e a educação infantil, porém ganhou espaço e horários diferenciados, como oficina do turno inverso ao currículo regular. Amparada nas ações do Projeto Cultural e na experimentação de recursos analógicos, focada na sintaxe e nas diferentes linguagens, a proposta avança com resultados expressivos e entusiasmo dos alunos, principalmente da rede B (faixa etária dos 8 aos 12 anos). A ideia é nos aproximarmos da concepção ecológica de mídia-educação (Fantin, 2012, p.65), que significa fazer educação usando todas as mídias (fotografia, rádio, cinema, televisão, computador, internet, celular, *videogame*, redes sociais) e recuperando o lúdico, o simbólico, o corpo em movimento e o contato com a natureza.

Sobre as perspectivas da mídia-educação em nível nacional, Fantin afirma: Em países como o Brasil, onde ainda nem foi assegurada uma presença curricular da mídia-educação, vale perguntar: o que seria mais estratégico e significativo para consolidar o campo da mídia-educação na formação? Uma perspectiva de disciplina curricular autônoma (currículo disciplinar), uma perspectiva de currículo transversal (ou transdisciplinar), uma perspectiva de organização eventual e laboratorial ou uma perspectiva de educação integrada? (2012, p. 87) Esses formatos precisam ser discutidos e experimentados na educação fundamental e abordados na formação de professores. Estamos Tateando e apostando no diálogo com a comunidade escolar, na base, no diálogo com as ações culturais, com a universidade e com os Programas que sustentam a Educação para a Mídia na rede municipal de ensino. É

a abordagem dialógica que garante ler e produzir sentidos na escola, fundamentalmente numa proposta de alfabetização midiática.

### **Referências bibliográficas:**

PRETTO, Nelson de Luca. *Reflexões: ativismo, redes sociais e educação*. Salvador. EDUFBA, 2013.

FANTIN, Mônica e RIVOLTELLA, Pier Cesare (orgs). *Cultura Digital e escola: Pesquisa e formação de professores*. Campinas, SP, Papirus, 2012.